

A LEITURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DE INTERVENÇÃO DO PSICOPEDAGOGO

Lígia de Assis Monteiro Fontana¹

Lilian de Assis Monteiro Lizardo²

Resumo: Este estudo tem a finalidade de dialogar sobre o papel da leitura e o contar história como recursos que podem contribuir para a ação do psicopedagogo. A intenção é investigar estes artifícios partindo do pressuposto que os indivíduos inseridos no mundo dos livros desenvolvem em maior escala seu potencial pessoal. Iremos expor a ideia de que a leitura e o contar história incidem em questões emocionais, fantasias, percepções, que despertam a sensibilidade e o comportamento leitor independente da faixa etária. O psicopedagogo neste processo promoverá novas descobertas, conhecimentos e estímulos para leitura. *Palavras-Chave:* Aprendizagem significativa. Comportamento leitor. Contar. histórias. Psicopedagogo.

READING AND STORY-TELLING PSYCHOPEDAGOGIST AS INTERVENTION FEATURE

Abstract: This study aims to engage the role of reading and storytelling as resources that can contribute to the action of the educational psychologist. The intention is to investigate these devices starting from the pres-supposed that individuals entered the world of books develop on a larger scale their weigh-sonal potential. We will expose the idea that reading and storytelling focus emotional issues, fantasies, per-

¹ Mestranda no curso Comunicação Educacional e Mídias Digitais pela Universidade Aberta de Portugal em Lisboa. Endereço eletrônico: prof.ligiamonteiro@gmail.com.

² Mestranda no curso Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Endereço eletrônico: lilian.leli@yahoo.com.br.

conceptions, which arouse sensitivity and composed player mint independent of their age. The psychopedagogue in this process will promote new discoveries, knowledge and incentives for reading.

Keywords: Meaningful learning. Composed mint player. Tell stories. Educational psychologist.

Introdução

A proposta desse trabalho é apresentar um estudo sobre o tema “A leitura e a contação de história como recurso de intervenção do psicopedagogo”, com o objetivo de instigar a reflexão acerca das situações vivenciadas pelas crianças e como este recurso pode auxiliar na intervenção deste profissional para a formação do sujeito. O tema aqui apresentado ganhou seus contornos a partir da realização de uma disciplina ministrada no curso de especialização em psicopedagogia educacional.

O trabalho com leitura é um processo para construção do aprendizado, amplia a visão de mundo e insere o leitor na cultura letrada, estimulando o desejo por livros. Pensando nestas contribuições, podemos dizer que possibilita a vivência com as emoções, exercita a fantasia e a imaginação, trabalha a autonomia, criatividade, amplia o vocabulário e a forma de comunicação, favorece a estabilização de formas ortográficas, da linguagem e do pensamento. Estes elementos são importantes para a formação pessoal e social do indivíduo.

Nesse sentido, o psicopedagogo tem na contação de histórias e na leitura uma ferramenta de trabalho, pois Dohme afirma que “as histórias são um Abre-te Sésamo” para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem” (DOHME, 2000, p. 5).

Quando a criança ou adolescente faz o papel do contador de história, desenvolve habilidades para aquisição da

linguagem, observação, imaginação e expressão de ideias. Além de ajudar cognitivamente nas estruturações mentais e elaborações de conceitos de base psíquicas, auxilia a organizar o discurso com coerência, socializar, educar, informar, compreender entre outros aspectos. Meireles (1984) descreve que os contos são excelentes materiais para as criações das crianças e que por meio deles elas constroem a si mesmas.

O psicopedagogo, neste processo de oralidade, pode ser um instigador de novas descobertas e novos conhecimentos. Estas descobertas mostram às crianças um novo mundo onde tudo pode acontecer, onde os personagens são da cor que quiserem, onde o mundo é mágico e às vezes surreal.

As histórias não têm compromisso com o real, nem com certos e errados, a imaginação não tem compromisso com a realidade. Os contos inventam o mundo diferente, onde cada um irá iluminar o que é importante para si mesmo.

A leitura e a contação de história como recurso psicopedagógico

O encantamento pela leitura pode ser despertado desde os primeiros meses de nascimento da criança: com a leitura de livros, o bebê já consegue identificar personagens do vilão e do bonzinho, mediante a leitura de expressões faciais. Neste período a leitura ocorre através das imagens e, na medida em que a criança amadurece, ocorre a familiarização com as placas, rótulos, outdoors; aumentando as identificações, elas formam o conceito de leitura. Bamberger (1988) acredita que “a criança entra em contato com a linguagem das gravuras antes da linguagem das letras. [...] As gravuras ajudam a tornar o texto compreensível” (BAMBERGER, 1988, p. 50). E Freire define que as palavras dessas histórias são “grávidas de mundo”. Ele nos faz refletir que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1988, p. 20).

Pensando desta forma é desenvolvida a leitura significativa, em que as crianças e adolescentes, além de compreender a importância do ato de ler, constroem o pensamento de criticidade sobre o assunto e assimilam a diversidade cultural de informações contidas nas diferentes literaturas infanto-juvenis.

O ato de ler propõe ao indivíduo a construção de hipóteses, criando estratégias para interpretação e prévias soluções. Nesse sentido, a leitura contribui e permite “sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações. Além disso, nos dá acesso a uma parte da herança cultural da humanidade” (MACHADO, 2002, p. 21).

Por este motivo o incentivo deve ser trabalhado através da motivação, jamais imposição, tornando algo prazeroso. As histórias são trabalhadas em vários momentos, podendo-se ler, contar ou recontar e assim auxiliar as crianças e adolescentes nas interpretações, proposições e inferências em cada momento vivenciado.

Cramer (2001) ressalta que para motivar os leitores é preciso envolver alguns pré-requisitos fundamentais, como se “sentir seguros para assumir riscos intelectuais, porque ele sabe que não ficarão embaraçados ou serão criticados caso cometam erro” (CRAMER, 2001, p. 107). Outro ponto que a autora levanta são as diversas opções de livros e filtrar literaturas para determinados casos contribui de forma positiva para o processo de intervenção psicopedagógica.

Discorrendo sobre isto, devemos atentar para colocar à disposição uma literatura diversificada, com o objetivo de estimular a linguagem oral e escrita, proporcionar experiências significativas, “[...] o cérebro da criança está potencialmente dotado para descobrir as regularidades ou constantes da linguagem oral e da escrita. (ALLIENDE; CONDEMARÍM 2005, p. 40).

Deste modo, para promover a leitura deve ser valorizada uma variedade de textos que ofereça amplas oportunidades para que as crianças desenvolvam a paixão pela leitura e a expressão oral. Soares, nesta ideia de pluralidade de linguagens, afirma que “[...] um mesmo texto multiplica-se em infinitos textos, tantos textos quantas leituras houver. Cada leitura construirá um novo texto, produto de determinações múltiplas” (SOARES, 1988, p. 28). Assim, o leitor ou o ouvinte se envolve numa pluralidade de outros textos, além de estimular sua imaginação.

É relevante colocar o indivíduo em contato com vários materiais portadores de mensagens da sua realidade. A leitura neste aspecto torna um dos meios mais importantes para o desenvolvimento de novas aprendizagens e exploração de mundo.

Abramovich (2003) ressalta que o indivíduo que desenvolve o hábito da leitura se torna um ser humano que transforma este ato vital para seu prazer e crescimento. Sendo o momento em que a leitura da “*palavra mundo*” conquista a plenitude, onde o sentimento do ato de ler aos poucos contagia o indivíduo, algo que poderia ser dificultoso em um primeiro momento, mas se preenche de forma e significado.

E essa volúpia de ler, essa sensação única e totalizante que só a leitura provoca (em mim, pelo menos...), esse ir mexendo em tudo e formando meus critérios, meus gostos, meus autores de cabeceira, relendo os que me marcaram ou mexeram comigo dum jeito ou de outro [...], esse perceber que o ler é um ato fluido, ininterrupto [...], de encantamento e de necessidade vital, é algo que trago comigo desde muito, muito pequenina (ABRAMOVICH, 2003, p. 13-14).

O interesse pela leitura pode surgir por intermédio de certos desafios, isto é, conhecendo o desconhecido. Para Kleiman (2004):

Quando nos deparamos com uma palavra pela primeira vez, uma nova gíria, por exemplo, adquirimos uma ideia aproximada, do significado da expressão, a partir do contexto linguístico em que ela é usada. Isto é, inferimos o significado dessa palavra nova a partir do contexto, vamos adquirindo uma ideia mais precisa. Quando passamos a usar a palavra, então há uma transformação desse conhecimento inicial (KLEIMAN, 2004, p. 69).

Como podemos perceber o psicopedagogo em sua ação prática pode possibilitar o leitor a conscientização da realidade da qual faz parte, pois tem em mãos a condição social da leitura como um instrumento para promover a transformação no íntimo de cada indivíduo. O livro é um instrumento para a expansão do saber, pois a leitura carrega consigo dois movimentos paralelos: um emancipatório, que permite a autonomia do indivíduo, e outro, um exercício de dominação, quando manipulada de forma ostensiva por aqueles que detêm o poder.

A intervenção do psicopedagogo

A aproximação do psicopedagogo em frente às crianças e adolescentes, inicialmente pode ser uma relação frágil, sem confiança. Nesse sentido, a leitura ou o ato de contar uma história para Busatto (2005) é uma experiência de interação com o contador e o ouvinte, aproximando os sujeitos envolvidos, além de tratar de diversos aspectos do cotidiano infantil e juvenil.

Para que seja criada uma relação de parceria, é necessário estabelecer um vínculo afetivo, em que o livro pode aparecer como recurso. Além de ser usado para questões de dificuldades de aprendizagem e interação social, são múltiplas as potencialidades que uma literatura pode auxiliar e desenvolver.

Ouvir histórias desenvolve imaginação, observação, linguagem oral e escrita, prazer pela arte, habilidade de dar lógica aos acontecimentos, além de estimular o interesse pela leitura. Através da arte de contar história podemos tornar possível a construção da aprendizagem relacionada à competência cognitiva da criança, propiciando elaboração de conceitos, compreendendo sua atitude no mundo e se identificando com papéis sociais que exercerá ao longo de sua existência (BUSATTO, 2005).

Podemos notar que o ato de contar histórias é um importante recurso educacional, sendo uma interessante possibilidade para a ampliação da visão do mundo, para a aquisição de conhecimento e de significados culturais, para o estímulo à imaginação, fantasia e ao sonho. Martucci (1999) explicita que:

[...] na medida em que tivermos diante de nós uma obra de arte, realizada através de palavras, ela se caracterizará pela abertura, pela possibilidade de vários níveis de leitura, pelo grau de atenção e consciência a que nos obriga, pelo fato de ser única, imprevisível, original, enfim, seja no conteúdo, seja na forma. Essa obra, marcada pela conotação e pela plurissignificação, não poderá ser pedagógica, no sentido de encaminhar o leitor para um único ponto, uma única interpretação (MARTUCCI, 1999, p. 3).

Neste sentido contribuirá para a integração e auxílio de intervir na própria realidade, percebendo a importância de estar em um ambiente de aprendizagem, cultural e social. Sendo assim, as histórias têm um papel respeitável no desenvolvimento das crianças, pois podem ser um enredo novo ou a sua própria história, valorizando a sua identidade.

Além disto, a ação de contar e ouvir histórias possibilita o resgate da memória cultural e afetiva. O contar história é um ato de intensa comunicação pessoal, o contador é o artesão da palavra, sua função é exercer a arte da narrativa oral.

O contar história é cantar com a voz e o psicopedagogo deve reconhecer seu estilo e atuar nesta arte.

Para narrar uma história, cada pessoa começa do jeito que desejar e se sentir seguro. A arte de narrar se encontra no conhecer bem a história e gostar do que vai contar. O segredo é experimentar e ter a intenção de fazer da história uma verdade, ou seja, se colocar por inteiro dentro dela. A premissa básica do contador na visão de Busatto (2005) é que “[...] ao contar doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que o conto quer dizer. Por isso torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado” (BUSSATO, 2005, p. 47).

Coelho diz que “[...] todo discurso literário ou pragmático visa comunicar-se com alguém” (COELHO, 1993, p. 84). Palo (1986) escreve sobre a oralidade mostrando que o ato da fala é algo visceral ao ser humano, anterior à escrita. A fala guarda muito mimetismo, isto é, mostra de forma imediata ao interlocutor o objeto de sua fala, por meio de vários canais simultâneos: palavra, entoação, ritmo e expressão corporal.

Partindo deste contexto, Abramovich (2003) aponta que: “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, dos pais ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da bíblia, histórias inventadas [...]” (ABRAMOVICH, 2003, p. 16). E neste contato de ouvir e imaginar, são vivenciadas emoções, como as mostradas a seguir:

É ouvindo histórias que se podem sentir emoções importantes, como tristeza, raiva, irritação, bem estar, medo, alegria, pavor, insegurança, tranquilidade e tantas outras mais, é viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar [...], pois é ouvir, sentir e en-

xergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH, 2003, p. 17).

De acordo com esta ótica o amor pelos livros não aparece de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Cada livro pode trazer uma nova ideia, ajudar a fazer uma descoberta importante, ampliar o horizonte da criança.

Sendo assim, o momento da escolha como já citado anteriormente, exige cautela, pois nem tudo tem qualidade, mas os contos – o que há de melhor em literatura infantil, expressam muitos sonhos de infância e aspirações da adolescência e nos acompanham por toda a vida, sejam os de fada, folclóricos, populares.

No momento da finalização da leitura ou contação das histórias não devem ser apresentadas as partes principais, ensinamentos edificantes ou opiniões. Para cada ouvinte a história tem uma parte significativa para sua vida, assim ocorre a transferência para o que necessita ser trabalhado de forma psicopedagógica.

Nesse sentido, vamos pensar que cada indivíduo tem suas necessidades que são questionadas internamente no momento da contação e interpretação dessas histórias, que deslizam naturalmente. O que pode ser feito é instigar com questionamentos, sobre o sentido daquela história na sua vida, ou para aquele grupo. Formar alunos leitores é encantar as crianças com o poder que vem dos livros (KLEIMAN, 2004).

Considerações finais

O conto é um veículo de interação com os ouvintes e que impressiona pela fantasia. O imaginário embarca em um mundo que somente o ouvinte vê e sente. Para o psicopedagogo se torna um recurso de aproximação e vínculo afetivo,

para que inicie a intervenção, fornecendo um suporte inicial de diálogo e trocas de experiência, sendo necessário algo específico a cada criança ou adolescente.

Como tratado no estudo, a importância de contar se encontra na promoção dos processos interpsicológicos que serão posteriormente internalizados (CASTORINA, 1998).

A contação de histórias vem para instigar o desconhecido, as crianças e adolescentes são convidadas a escutarem, contribuindo para a transformação do seu pensamento descobrindo um novo mundo e desenvolvendo a sua capacidade cognitiva. Assim o psicopedagogo é parte deste processo de intercâmbio de informações.

Os tipos de história e a forma de contar variam a cada idade, pois as necessidades das crianças vão se modificando na medida em que se desenvolvem. A importância do conto é exatamente instigar o leitor a fantasiar a sua realidade, com o texto fictício, proporcionando outras formas de aprendizado, exercitando o ato da leitura, que por sua vez reflete na escrita. Com isto, o psicopedagogo se torna um mediador neste processo.

O contar história é uma arte e Vygotsky (1998) compreende que é um elemento significativo na constituição do sujeito, no momento em que ela atua sobre o plano emocional. Para o autor, a arte vive da interação, agregando os princípios da percepção sensorial, sentimento e imaginação, onde “[...] todas as nossas vivências fantásticas e irreais transcorrem, no fundo, numa base emocional absolutamente real” (VYGOTSKY, 1998, p. 246).

O psicopedagogo pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem com aspectos afetivo/emocionais, auxiliando a criança ou adolescente na compreensão de mundo, favorecendo o intercâmbio dinâmico entre a realidade, o que é significativo e a fantasia.

O interpretante ou leitor é um ilusionista que tira dessa cartola mágica um desenrolar de surpresas infinitas. O conto é um veículo para interagir com ouvintes e impressionam porque seu foco é a fantasia, embarcando em um mundo que somente o ouvinte vê e sente. As crianças gostam dos contos de fadas porque trabalham com o mistério, suspense e a dúvida do que vai acontecer nas páginas seguintes, principalmente as transformações de personagens como fada, bruxas, gnomos etc.

Pensando nestes pontos, podemos dizer que as histórias promovem ao trabalho psicopedagógico um espaço acolhedor, significativo e estimulador, onde as relações acontecem e as intervenções permanecem sensíveis e harmoniosas.

Os contos nem sempre apresentam um final feliz e estas eventualidades devem ser trabalhadas ressaltando de forma positiva o motivo do resultado. Para isto, podem ser realizados questionamentos como: o que levou a aquele caminho, quais atitudes, como o personagem contribuiu, o que favoreceu entre outros pontos que devem ser indagados e não respondidos ou influenciados.

Portanto, o que é possível no campo da aprendizagem e de intervenção psicopedagógica é o despertar do indivíduo. Independente do papel que desempenhe, sendo ouvidor, leitor ou criador de histórias, sempre será trabalhada a organização das suas experiências, para que possa (re)contá-las de maneira significativa e estruturando as possíveis intervenções realizadas.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍM, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo: Ática, 1988.

BUSSATO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

CASTORINA, José Antonio [et al.]. *Piaget-Vygotsky: Novas Contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 1998.

CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marietta. *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria-análise-didática*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1993.

DOHME, Vânia D'Ángelo. *Técnicas de contar história*. 7. ed. São Paulo: Informal, 2000.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARTUCCI, E.M. Aprendendo a contar histórias. In: *Formação de contadores de histórias*. São Carlos: UFSCAR, 1999.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da leitura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PIAGET, Jean. *A linguagem e pensamento da criança*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina [et al.]. *Leitura perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

VYGOTSKY, Liev Semianovich. *Psicologia da Arte*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

[Recebido: 24 out.2015- Aceito: 29 out. 2015]